

FERNANDO VAZ
Ilustrações
ROGÉRIO BORGES

É tudo mentira



4ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistentes editoriais: ELAINE CRISTINA DEL NERO
NAIR HITOMI KAYO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: DILETA A. D. FRANKLIN
DE MATOS

Preparação de originais: SANDRA BRAZIL

Supervisão de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Assistente de arte: MAURO MOREIRA

Projeto gráfico e diagramação: HAMILTON OLIVIERI JR.

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vaz, Fernando

É tudo mentira / Fernando Vaz ; ilustrações de Rogério
Borges. — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-03062-6

1. Literatura infantojuvenil I. Borges, Rogério, 1951.
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

7ª tiragem, 2017



Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

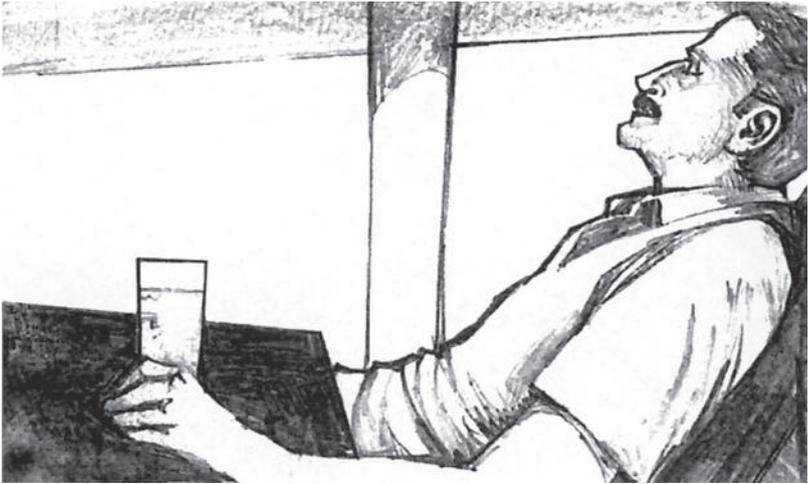
Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810052
CAE: 571348

PARTE I

*O Inaceitável
da
Verdade*



Capítulo 1

La Luna en sangre y tu emoción

Estranha essa vontade de ser pedra ou pó. Ao me deitar, sinto as mesmas dores, na barriga da perna, nas coxas e nos quadris. Nem banho morno alivia; teimosos, os músculos não relaxam.

Fecho os olhos. Parece que pairo sobre as pessoas, entre gôndolas, prateleiras e nuvens, correndo, esclarecendo dúvidas, levando troco para os caixas, buscando códigos de mercadorias.

De repente, o susto, a impressão de estar caindo, rápido, muito rápido. O frio na barriga, a corrente gelada subindo da espinha ao cérebro. Antes de me espatifar no chão, sinto a cama estreita. Respiro aliviada e o rosto enorme de meu pai preenche o escuro do quarto. Seus olhos tristes, seu sorriso com aquele ar que minha mãe chamava de cínico. Vejo o bigode grisalho, o movimento da boca tentando falar algo que não consigo ouvir, pois a faixa de luz sob a porta me desperta.

Rolo na cama. A meu lado, Luciana dorme tranquila, respira leve e em silêncio, como se tivesse medo de incomodar. Lembro o dia em que nos encontramos. Desespero e incerteza, caminhos

sem volta, estradas sem fim. Meiga, me pegou a mão e disse que não via motivos para pânico.

Sinto o aperto na garganta, vontade de chorar. E o fantasma de meu pai toma conta de mim, do quarto e do mundo.

1. Ensimesmada

Sou invadida por muitas imagens de meu pai. Todas tristes. Aquele homem alegre que chegava em casa no fim da tarde, tomava banho e, durante o jantar, falava de negócios e dinheiro, de política e trabalho, da correria e do cansaço, era melancólico.

— Se as coisas continuarem assim, Marta, vamos nos mudar para a Quinta da Boa Vista.

— Pra quê? Estamos bem aqui.

— Mas se a gente se mudasse seria melhor, não seria?

— Bem... — resmungava minha mãe, o olhar perdido na paisagem que se desenhava na janela, para depois explicar:

— Sabe, Jorge, eu gostaria de ver mato ou campo, em vez de cimento e aço: sinto falta da natureza.

— Eu também. E para as crianças seria ótimo.

— Claro, mais saudável.

— Questão de tempo, Marta. Se as coisas continuarem assim...

Então, minha mãe fazia o café. Eles ficavam conversando, a televisão falava para as paredes. Eu ia para o meu quarto brincar com Peralta, minha antiga e querida boneca de porcelana e pano, com a qual só deixei de dormir abraçada aos 13 anos.

Às vezes, Jorginho entrava e me provocava. Discussão. Meu pai vinha e dizia que, como irmãos, não devíamos brigar.

— Mas ele não dá sossego, pai.

— É verdade, Jorginho?

— Ela que é chata. Que que tem eu brincar aqui?

— São brincadeiras de menina — eu me defendia.

Meu pai ria, explicava que não fazia sentido essa história de menino e menina, lé com lé, cré com cré, faca sem ponta, galinha sem pé.

— Mas o Jorginho não sabe brincar, desarruma as coisas, quer fazer minhas bonecas lutarem.

Meu pai ria, mostrando os dentes brancos; coçava o bigode, olhava para meu irmão e dizia que brincadeira tem limite. Luta de bonecas! Onde já se viu?

2. Os patins

Nas manhãs de sábado, Jorginho e eu saíamos com meu pai para as compras. Minha mãe ficava, para — usando suas próprias palavras — fazer a “faxina fina”.

Naquele dia, ele nos levou a uma bicicletaria, que fazia uma promoção de patins. Disse para escolhermos um par para cada um. Desajeitado, Jorginho foi tomado pelo alvoroço: tropeçava nas coisas, fazia o vendedor mostrar todos os modelos, perguntava das vantagens e desvantagens de cada um deles. Indecisa, sem saber se queria ou não os patins, eu prestava atenção nas sugestões do vendedor.

Um par bonito e brilhante, azul e vermelho, me encantou. Meu pai quis saber se era mesmo aquele que eu queria, pois o vendedor sugeria outro, melhor, mais durável — e mais caro.

— Gostei deste.

— Ele é lento e pesado. Se você quiser dar um salto...

— Antes preciso aprender a patinar.

— Se comprar este, hoje à tarde já está patinando. Com o outro...

— Sabe, nem sei se gosto de patins. Prefiro o mais barato.

— E você, Jorginho? — perguntou meu pai.

— O incrementado.

— Já vi que você vai ser um *expert* — falou o vendedor.

No automóvel, meu pai reclamou:

— Puxa, Sandra, parece que você nem está ligando para os patins...

— Claro que estou, pá. É que não faço questão do modelo — desconversei.

À tarde, no pátio do prédio, meu pai se desdobrava em paciência para nos ensinar a patinar. Tempos depois, entendi o problema: ele não sabia patinar, então suas instruções não tinham fundamento. Ainda assim, antes do anoitecer, eu já deslizava com segurança. Jorginho, desajeitado e inseguro, trombava nas coisas.

Na manhã de domingo, acordei antes de todos. Troquei-me, peguei os patins e fui ao pátio. Depois das dez, meus pais deram por minha falta; me encontraram escorrendo de suor, de tanto patinar.

— Desde que horas está aqui? — perguntou minha mãe.

— Não sei, faz tempo: levantei e vim.

— Então venha tomar café. Você não pode ficar todo esse tempo de estômago vazio.

Comi e voltei. Jorginho me acompanhou. Até minha mãe chamar para o almoço, patinamos numa boa, sem briga. À mesa, meu pai comentou, irônico:

— Hoje, vocês dois até parecem irmãos!

Depois do almoço, ao me ver pegar os patins, meu pai perguntou onde eu pensava que ia.

— Patinar, uai. Ou não pode?

— Então eu também vou — gritou Jorginho.

Segunda-feira, acordei com fortes dores na barriga das pernas e nas coxas. Não as relatei aos patins.

3. As tardes de meu pai

Ao entardecer dos sábados, meu pai punha um disco na vitrola, pegava uma cerveja gelada e se sentava no alpendre. Apesar dos prédios, árvores, casas e nuvens à sua frente, olhava o nada, ouvindo aquelas músicas de que tanto Jorginho e eu reclamávamos. Minha mãe também, mas, para não

desautorizar ou não magoar, fingia-se indiferente. Se a gente quisesse usar o som ou abaixar o volume para assistir à televisão, meu pai se levantava e, calmamente, dizia:

— Ah, não! Ninguém vai acabar com meu sossego: nesta casa, as tardes de sábado são minhas.

Minha mãe lhe dava razão e, nos afastando dali, dizia para o deixarmos em paz: precisava descansar, tinha trabalhado a semana inteira. Longe dele, eu reclamava:

— Mas, mãe, olha as músicas que ele escuta!

— Pois é, gosto não se discute. Se ele gosta...

Então, sem dar conta de meus passos, acabava me aproximando de meu pai. Ficava a seu lado, olhando seus discos. Não sei que mistério exalava daquelas velhas capas de papelão com homens de chapéu e mulheres em vestidos longos e maquiagem pesada. Ele punha cerveja no copo e fazia movimentos com a cabeça e com as pernas, no ritmo daqueles tangos fanhosos. Só parava na hora de se deitar.

Uma vez, uma vizinha comentou que meu pai devia ser muito triste. Minha mãe respondeu que não; ele era assim, gostava de tango.

— Mas isso dói na alma, Marta.

— Ele diz que é tudo mentira, que é tudo representação.

— Ah, mas tem mentira mais alegre.

Naquele sábado, não saímos para as compras, minha mãe não fez a faxina fina e se atrapalhou com o almoço. Meu pai não cabia em si de alegre; irrequieto, apertava Jorginho, me beijava, falando que tinha a mais absoluta certeza de que faria o negócio.

Passava das três horas, comíamos o almoço improvisado, a campainha tocou. Meu pai deu um pulo da cadeira e falou:

— São eles, Marta. Você já sabe, vamos bater duro no preço.

Mostrou o apartamento a dois homens, elogiando os armários embutidos, se vangloriando da cozinha e da área de serviço.

— Um apartamento deste vale mais do que um igual na planta. Só os complementos...

— É, mas o pessoal prefere novo.

— Não vejo motivo. Pagam mais e vão ter de fazer tudo o que este já tem.

— Sim, mas o mercado...

— Bem, vou deixar claro: não negocio o preço. Não quero um tostão a mais e não tiro um centavo — explicou, em tom firme.

Os dois homens se entreolharam; um deles disse que meu pai era duro na queda. O outro completou que, para não perder o cliente, convinha aceitar. O primeiro retrucou que estavam jogando dinheiro fora. Se meu pai abatesse o valor da corretagem...

— Fui claro: não negocio o preço.

Os dois, então, ficaram em silêncio, se entreolhando. De repente, um deles disse que, para não perder o amigo e ganhar o cliente, concordava com o preço. O outro esbravejou: no futuro, não lhe cobrasse a decisão.

— Assumo a responsabilidade. — E se voltando para o meu pai: — Está fechado, aceitamos o apartamento. Podemos assinar o compromisso?

— Claro — concordou meu pai.

Depois que os dois homens se foram, meu pai abraçou minha mãe, apertou Jorginho e me beijou. Disse que durante a semana a gente se mudaria. Dali a pouco, pegava seus discos e punha as músicas tristes.

Falei à minha mãe que não entendia meu pai: se ele estava contente, por que encher a casa com a tristeza daqueles tangos?

— Gosto não se discute, Sandra.

— Mas se lamenta — gritou meu pai, alegre, enchendo o copo de cerveja.

O Sol já tinha desaparecido, uns poucos raios avermelhavam a boca aberta da noite, cuja garganta começava a engolir



a cidade. Batendo os dedos no copo, meu pai acompanhava a música. De repente, olhou para mim e perguntou se entendia o que a mulher de vizinha fina cantava.

— Claro que não, né, pai!

— Escuta, presta atenção. É muito parecido com português.

Prestei atenção e não entendi nada.

Ele se levantou, pegou o braço da vitrola, pôs no começo da música e disse que ia me ensinar espanhol. Cantou junto e eu entendi:

Después...

*la luna en sangre y tu emoción,
y el anticipo del final
en um oscuro nubarrón.*

Daí, voltou a música e falou para eu cantar também. Mas não deu tempo, minha mãe chegou e disse para meu pai dar sossego: não bastava ele com a mania de espanhol?

— É uma língua importante e fácil — se defendeu.

— Mas para aprender a falar, não para cantar tango.

— Você não entende, música é um recurso didático.

Enquanto discutiam, olhei para fora e vi a Lua cheia, grande e avermelhada pelo Sol que, mesmo ausente, lambuzava o começo da noite. Disse a mim mesma, encantada, *la luna en sangre y tu emoción*. Olhei para meu pai e para minha mãe, senti uma absurda vontade de chorar.

Calada, fui a meu quarto, me joguei na cama, abracei Peralta, mordi o travesseiro e senti os olhos úmidos. Então, pela janela vi a Lua vermelha, grande e redonda, tremendo e molhada. Olhei para Peralta e cantei:

— *La luna en sangre y tu emoción.*

Peralta nada respondeu.

4. Vergonha de meu pai

Domingo, acordei indisposta. Um mal-estar fino e insistente. Fui ao banheiro e, ao tirar a roupa, vi o sangue na